Achegas para os cinquenta anos do curso de Letras*

Carlos Erivany FANTINATI**

Meus agradecimentos à Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva pelo convite e cumprimentos pela coordenação das festividades e dos trabalhos que resultaram na **Agenda Comemorativa UNESP-ASSIS/50 ANOS**, que vi e li com muito gosto e saudade.

Com a liberdade que me foi dada para tratar do tema — "**FCL: entre o passado e futuro**" —, procurei inicialmente tratar de duas visões possíveis de nossa temporalidade: uma, de caráter mais estático, outra, de dimensão mais dinâmica[1]. A primeira visão centrar-se-ia num enfoque retrospectivo, de traço mais afetivo, próprio das memórias, da arte e da literatura de cunho evocativo, que, indo do aporte brando ao agônico, constitui um dos aspectos temporais da **Agenda Comemorativa** dos 50 anos, expresso nas homenagens prestadas e nos poemas de Cecília Meireles, em especial "Retrato". Situado na abertura da **Agenda,** o poema funciona como um dos seus motivos temporais ao poetizar o desencantamento do mundo, manifestado na contraposição — própria da concepção mítica das origens, por exemplo — entre um outrora, visto como alegre, doce e vigoroso, e um agora, em que se sente a perda dessas virtudes, com seus traços "triste, amargo e frio", que aludem implicitamente à figura — chamada por Manuel Bandeira de "a indesejada das gentes", de "iniludível"[2] — da morte. Este, aliás, é o "memento homo", a presença-ausência em toda comemoração, para sermos piedosamente paradoxais, ou para servirmo-nos de um duro oximoro, conforme deixa ao encargo da sensibilidade do leitor o grupo de produtores da **Agenda Comemorativa**, a quem presto aqui minha homenagem por ter elegido poemas como o de Cecília Meireles para falar da vida e da morte na e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Ao lê-lo aqui, reverencio saudosamente a memória de todas as pessoas de nossa comunidade universitária que já nos deixaram, nomeadamente a do professor Antonio Augusto Soares Amora, primeiro diretor e fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis — FAFIA —, a da professora Vilma Rodrigues — docente de alemão e minha amiga —, a do professor Celso Pontara, cujo inexplicável assassinato clama por justiça, e a da professora e psicóloga Ilda Aparecida Caruso, parceira leal na direção da Faculdade de Ciências e Letras, entre 1991 e 1995.

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:

— Em que espelho ficou perdida
a minha face?[3]

Embalado por essa perspectiva, propunha-me eu, então, além de rememorar com mais detalhes esses estimados colegas, homenagear, tecendo considerações pormenorizadas, mais algumas outras pessoas dentre aquelas muitas a quem me ligam laços de apreço, amizade ou reconhecimento, quer da esfera acadêmica, quer da administrativa, ao longo dos meus quarenta e sete anos nesta casa, como aluno, professor e diretor.

A segunda dimensão temporal a ser enfocada se sustentaria numa abordagem retrospectivo-prospectiva do pretérito, marcada por impulsos dinâmicos e investigativos em relação a esse passado, visto desde um presente problemático e aberto para um futuro, que é invocado e convocado. Esse sentimento do tempo, que fala das provocações do presente, do impulso em direção ao que há de vir, movido por um reencantamento do mundo, está também presente na **Agenda Comemorativa** dos 50 anos, na escolha poemática feita pelo "CPPA — Centro de Psicologia Aplicada Dra. Betti Katzenstein (1969-2008/39 anos)" -— para constar do dia 29 novembro de 2008. Ali se encontra o poema "Reflexão e convite, de Murilo Mendes [1994, p. 118], cujo plano verbal e movimento de passada vigorosa tematizam essa concepção superadora do tempo presente, própria da aventura épica, da lírica de protesto e da moderna literatura sátira e paródica.

E ao lê-lo aqui, aproveito o ensejo para externar agora, de forma concisa, minhas homenagens àquelas pessoas com quem convivi direta ou indiretamente nos meus quarenta e sete anos nesta instituição, salientando, de maneira breve, algumas delas: os dois professores que marcaram minha formação inicial, José Carlos Garbuglio e Ottmar Hertkorn; os amigos feitos nos anos da graduação — Antonio Dimas e Onosor Fonseca — e um outro, feito pouco mais tarde — Arnaldo Daraya Contier—; todos os professores que pertenceram ou pertencem à disciplina de Literatura Brasileira e nela militaram ou militam — Antonio Candido, Rolando Morel Pinto, José Carlos Garbuglio, Teresa de Jesus Pires Vara, Iumna Maria Simon, Lívia Ferreira Santos, Maria Alice de Oliveira Faria, Dilea Zanotto Manfio, Luis Roberto Veloso Cairo, Benedito Antunes, João Luis Cardoso Tápias Ceccantini e Álvaro Santos Simões Jr.—, bem como todos os professores das disciplinas de Literatura Portuguesa e Teoria Literária e Literatura Comparada, que formaram e formam o Departamento de Literatura; a equipe permanente de funcionários em funções de confiança que assessorou durante quatro anos (1991-1995) a professora Ilda Aparecida Caruso e a mim na direção do câmpus de Assis: os diretores João Isomar Manfio, Maria Lúcia Pimentel Ganimi, Edenir de Carvalho Duro e Nilza Maria Scala; as secretárias Raquel Nogueira Hernandes e Lucia Helena Antunes de Morais e o motorista Waldemir de Jesus Assunção (Didi); e, finalmente, o Professor Doutor José Ribeiro Júnior, que muito honra esta casa ao ter exercido pela primeira vez a função mais alta alcançada por docente desta faculdade junto à Reitoria, a de pró-reitor de Pós-Graduação, entre 1993 e 1997, após ter sido dela diretor (1987/91), quando com ele trabalhei, quase meio mandato (1990/1), como vice-diretor.

Reflexão e convite
Nós todos estamos na beira da agonia
caminhando sobre pedras angulosas e abismos.
Ninguém ouve o barulho da banda de música

que está ali firme do outro lado do século.

Encontramos o sonho e pusemos no altar.
Incenso e adoração, culto ardente pra servir.
Saímos dos planos múltiplos do sonho,
não nos integramos na ciência da total realidade.

Vamos colher as flores que crescem nos abismos
e apreciar as explosões de luz de dois universos.
Apressando o passo estaremos do outro lado do século
ouvindo o barulho da banda de música que não para nunca.[4]

Tal sentimento do tempo tomaria o passado da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, predominantemente de seu curso de Letras, como matéria de investigação, visando a descobrir nele linhas e vetores da instituição que apontassem para o futuro. O campo escolhido seria o da missão recebida pelo corpo de professores nacionais e estrangeiros vindos para Assis a partir de 1958 com a tarefa de proceder à renovação dos estudos das Letras, enquanto busca dialética entre interiorização e internacionalização da cultura. O assunto seria escavado em três camadas: 1. no plano consciente do momento inicial com o enfoque das manifestações programáticas; 2. no nível da memória, posteriormente, com a exploração de material extraído de manifestação de alunos e da produção intelectual de seu maior realizador, o professor Antonio Candido, que logra uma execução plena da proposta; e 3. finalmente, na proposta de uma tarefa a executar: a necessidade de pesquisar a produção intelectual do grupo de professores nacionais e estrangeiros que publicaram artigos na **Revista de Letras** e cerca de trinta livros, entre 1960 e 1973, na **Coleção de Estudos e Ensaios,** e de mais sete outros professores de Letras, seus continuadores, que deram à publicidade sete obras na coedição ILHPA-HUCITEC, em 1978. Todos esses professores são criadores de uma produção, carente de investigação acadêmica apurada, sem falar, é claro, do levantamento da bibliografia completa de cada autor individualmente, materiais que requerem ser examinados tanto em si, como do futuro que invocavam como expectativa. Possível desdobramento desse projeto de investigação proporia ainda o estudo dessas publicações, que estão na origem do curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras, como um dos fatores determinantes do modo como se deu a inserção da instituição na proposta de publicação da universidade, quer no âmbito das revistas, como a de Letras e mesmo a de História, quer no processo de consolidação da Editora UNESP.

Com isso devidamente planejado e já parcialmente pesquisado, tomei conhecimento de que meu tempo de intervenção nesta mesa-redonda seria compreensivelmente de trinta minutos, o que me levou a operar um incisivo corte nas minhas longas pretensões iniciais, para que pudesse me adequar ao período temporal a mim reservado. Esforçando-me por me ajustar o mais possível, falarei aqui, de maneira introdutória, quase que só dessa segunda concepção de tempo. Nosso objetivo é, portanto, tratar, preliminarmente, da relação entre alguns traços do programa ou intenções e de certas realizações, ocorridas no plano do ensino e no da reflexão teórica sobre a natureza e a função da obra de arte literária, no curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (FAFIA), no período que se estende de 1958 a 1976/8, executadas sob o signo da dialética entre interiorização e internacionalização da cultura, denominação aqui adaptada do que se tem chamado de um possível princípio a gerir nossa evolução espiritual: a dialética entre

localismo e cosmopolitismo. A composição obedecerá, em essência, à bipartição indicada: programa e realizações da FAFIA entre 1958 e 1976/8, subdividindo esta em três partes: uma realização truncada; uma realização plena e uma realização a ser investigada.

Qual era a missão de que estava imbuído aquele grupo de professores universitários nacionais e estrangeiros e aqueles que se lhes seguiram e deram continuidade às tarefas por eles principiadas?

Na página de apresentação do primeiro número da **Revista de Letras**, em 1960, o primeiro diretor da FAFIA, professor Antonio Augusto Soares Amora, após caracterizar o conjunto de professores, aponta-lhes a incumbência recebida:

Trata-se de um corpo de professores universitários, nacionais e estrangeiros, reunido pelo Governo do Estado de São Paulo, num Instituto Isolado de Ensino Superior — A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis — com a incumbência de realizar uma experiência no sentido de renovação dos métodos de ensino e de trabalho no campo dos estudos superiores das Letras.

E o alto nível almejado pela empreitada educacional e editorial é explicado nestes termos: "Porque acredita que só no plano do convívio internacional logra uma instituição universitária realizar seu papel de promotora do progresso das ciências e da elevação da cultura espiritual de um país".[5]

Em 1962, um outro corpo de professores de Letras, o da FAFIA de Marília, ao lançar o número 1 da revista **Alfa**, repetia, no "Editorial" de abertura, de modo mais direto e com pretensões mais modestas, concepções similares, nas palavras e do jovem professor Ataliba Teixeira de Castilho, a quem presto aqui minha homenagem por sua notável liderança acadêmica, bem como ao nosso aluno mais brilhante — da FAFIA de Marília —, o professor Luiz Antonio Figueiredo, ambos, como muitos outros colegas, sem perspectivas naquela faculdade com o prepotente fechamento do curso de Letras em 1976. Ponderava ele, então:

A interiorização dos centros de cultura no estado de São Paulo, consubstanciada na criação dos Institutos Isolados de Ensino Superior, traduz um espírito de renovação da cultura brasileira.

A tarefa assinada (sic) àqueles Institutos, a um tempo ingente e urgente, foi a de superar o estado de diletantismo e improvisação notório em nossa cultura, mormente no campo das letras, impondo a respeitabilidade dos estudos sérios, porque levados a cabo em nível universitário.[6]

Alguns aspectos merecem atenção e destaque nas duas citações.

O primeiro é a noção de renovação dos estudos, aplicada "à cultura brasileira", especificamente às Letras, que contrapõe um nível respeitável e sério — o universitário — a um outro, falto desses atributos por estar marcado pelo diletantismo e a improvisação. A avaliação positiva da universidade se fundava na convicção de que tinha ela competência para realizar uma renovação dos métodos de ensino, de trabalho e de reflexão no campo dos estudos das Letras. O segundo aspecto é constituído pelas duas frentes de atuação dos institutos isolados de ensino superior: a interna e a externa. Na primeira, estavam eles sob o imperativo de realizar a interiorização da cultura séria e universitária com seus métodos novos, e, na segunda, sob o de promover uma produção mensurável por padrões

internacionais. Essa dupla incumbência tem como traço comum a luta pela qualidade, posta como único caminho, no âmbito internacional, para atender às exigências do confronto rigoroso, e, na arena interna, para executar o processo de reformulação educacional e metodológica solicitado, enfrentado as forças negativas e ameaçadoras vigentes: a falta de seriedade e respeitabilidade acadêmicas do amadorismo que vicejava nas Letras.

Para que pudesse tentar levar a bom termo os elevados objetivos buscados interna e externamente, o corpo de professores universitários nacionais e estrangeiros socorreu-se da tradição, da bagagem e da informação da tendência cosmopolita e urbana da cultura europeia, assimilada e ajustada historicamente a nossa realidade, tendência que não só moldou essencialmente as formas de expressão da formação brasileira, mas também tem sido difundida, oficialmente, pela educação, na modalidade de cultura erudita. O sociólogo José de Souza Martins conseguiu descrever, de forma sintética e precisa, sua difusão a partir da universidade até os níveis mais baixos do ensino, mostrando como ela plasma todo o tecido social por meio do processo formador emanado da universidade. Para o meio acadêmico — escreve ele —, impregnado do

> ideal republicano que começou a vingar com a formação de nossas universidades públicas, em particular a USP [...], a cultura erudita deveria ser desconcentrada e chegar até a massa do povo e da população pobre. A criação da Faculdade de Filosofia teve por objetivo preparar os docentes que levassem para o ensino médio o saber e a visão de mundo que se cultivava e difundia na universidade. E no ensino médio, nas escolas normais, seriam preparados os professores que levariam esse saber para as escolas primárias do campo, para os ricos e para os pobres. Na cultura acadêmica criou-se e difundiu-se a concepção do dever de corrigir e ensinar, expressão de uma grande esperança pedagógica na missão emancipadora e libertadora do educador.[7]

No reforço da cultura erudita, no esforço de renovação dos métodos de ensino, na energia empregada no aprimoramento dos estudos literário e linguístico, integrados ao processo de interiorização dos centros de cultura no Estado de São Paulo com sua simultânea ambição cosmopolita, desempenhou papel fundamental o trabalho realizado em sala de aula, a cargo do professor com a participação dos alunos, ou seja, aquilo que se denomina o ato docente, assim descrito por Antonio Cândido:

> O ato docente pressupõe um trabalho em cujo desenvolvimento um ser humano se dirige a outro para estabelecer uma relação que torne possível a transmissão/incorporação satisfatória de conhecimento, não apenas para que o educando o possua, mas para que, através dele se oriente melhor na sociedade e, em geral, na vida.[8]

Acompanhavam essa valorização do ato docente o rigor quanto ao cumprimento dos horários de aula, a exigência da leitura intensiva dos textos, em especial dos ficcionais a serem analisados nos seminários, a assistência dada aos alunos pelos professores, todos estes, obrigatoriamente por contrato, residentes em Assis e à disposição dos discentes não só durante as aulas, mas também durante o período das sessões de estudo, podendo sua presença ser solicitada quando as tarefas assim o requeressem. Esse procedimento foi mantido mesmo mais tarde, quando cresceu o número de alunos, tendo o docente titular a auxiliá-lo na assistência aos discentes um aluno com a função remunerada de monitor, que, além dessa atividade, iniciava-se, junto ao professor da disciplina, em atividades de

pesquisa, iniciação de que se beneficiaram quase todos os alunos das duas primeiras turmas, as de 1959 e 1960, do curso de Letras.

Alguns textos publicados nos anos primeiros da faculdade podem ser lidos como testemunhos dessa preocupação com a renovação dos métodos de leitura e com a iniciação dos alunos na pesquisa. É o caso do pequeno livro de Naief Sáfady **Introdução à analise de texto**[9], dedicado pelo professor aos seus alunos da FAFIA e em cujo prefácio, datado de fevereiro de 1961, Antonio Augusto Soares Amora, após traçar biografia acadêmica do autor, propugna:

> Já é tempo de superarmos, no Brasil, o ensino da Literatura confinado exclusivamente na historiografia literária. Livros como este, com raras qualidades de saber atual e método de ensino, terão, estou convencido, papel decisivo na renovação dos cursos de Literatura em nossas faculdades de filosofia.

É dessa época a **Coleção Textos Escolares**, com direção do mesmo Antonio Augusto Soares Amora e com supervisão do mesmo Naief Sáfady, constituída pela "Série Literatura Portuguesa", à qual pertencem duas obras — com 24 p. —, escritas por dois alunos: a primeira, sobre Antero de Quental (1961), por Nites Feres[10], e a outra, sobre Camões (1963), por Horácio Tucunduva Júnior[11], ficando programados três outros opúsculos — sobre Garrett, Vieira e Eça — que não chegaram a sair. A coletânea, publicada também pela FAFIA, com apurado cuidado gráfico, enquadrava-se nas mesmas linhas gerais, que nortearam a fundação do curso de Letras e a criação de sua revista, conforme se pode ler na definição de seus objetivos, reproduzida nos dois volumes:

> Esta Coleção visa, de um lado, fornecer ao ensino da literatura material de estudo (textual, biográfico, bibliográfico e iconográfico); de outro lado, estimular entre os alunos do Curso de Letras da F.F.C.L. de Assis, sempre sob orientação de um professor, o espírito crítico e de investigação. Serve, portanto, esta coleção, em todo o sentido, a renovação que se vem realizando, em todo o mundo, no campo do estudo e do ensino da literatura.

Centrada exclusivamente na disciplina de Literatura Portuguesa, a experiência caracterizou-se muito mais pela intenção do que pela realização. Voltada para a análise de texto, parece ter limitado sua difusão quase que só ao âmbito local, carecendo seu aporte de uma dimensão teórica que a colocasse no plano das preocupações internacionais com o "ser e o tempo" da literatura. O pretendido influxo de renovação se viu cerceado ainda pela defasagem entre as obras programadas para a série — cinco — e as realmente executadas — duas. E contribuiu, de vez, para o encerramento dela a saída de Assis do docente que a supervisionava, substituído por outro professor, em 1963, com proposta distinta, para a disciplina de Literatura Portuguesa, daquela até então vigente desde 1958. Com o fim da "Série Literatura Portuguesa" terminou também a **Coleção Textos Escolares,** sem que se tivesse notícia da programação de uma "Série Literatura Brasileira", como era óbvio esperar-se, até para mostrar sintonia com a presença cada vez mais crescente e frequente de autores nacionais nos diferentes graus de ensino no país em substituição aos escritores portugueses, resultado, dentre outros fatores, do nacionalismo então em expansão, suscitado pela proposta desenvolvimentista.

A mais significativa e consistente experiência executada na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Assis, ocorrida a partir desse período, não mereceu registro tão claro

nem tem documentos tão explícitos. Ela necessita ser reconstituída por meio da recuperação de depoimentos de alunos e de manifestações fragmentadas que se podem colher na leitura de textos de seu executor.

Com relação à renovação da orientação dos estudos literários, um importante testemunho é fornecido pelo professor Antonio Dimas ao anexar em seu "Memorial e Currículo apresentado ao Concurso de Titular de Literatura Brasileira junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH da USP", em 2006, folha datilografada por Antonio Candido, de 1960, em que o professor universitário orienta, descendo a pormenores, o jovem aluno, ainda no curso clássico, sobre a leitura adequada das obras de Euclides da Cunha, para que pudesse participar da Semana euclidiana daquele ano — 1960 — em São José do Rio Pardo. Antonio Dimas relembra:

Os cinco anos iniciais dos 60 foram poderoso encorajamento que, de certa maneira, favoreceram a escolha de uma abordagem da Literatura em suas ligações com a Sociedade. Pode ser que na origem dessa atitude estivesse a gentileza com que um dia, ainda aluno do curso clássico no antigo Instituto de Educação de Assis, fora recebido pelo Titular de Literatura Brasileira de Assis, Prof. Antonio Candido, que se dispôs a me ajudar para a Maratona Euclideana de 1960. De forma atrevida, pedi; de forma cortês, ele me ajudou. Como sempre, dispôs-se a me destrinchar uma lista de pontos, onde alguns enunciados me soavam como húngaro medieval. Perdeu-se a lista na gula do tempo, mas não se perderam essas duas folhas de papel jornal, guardadas com carinho desde 1960, nas quais o professor traduzia os pontos que me intrigavam.[12]

Essa atenção dada à orientação dos alunos e o valor conferido ao ato docente podem ser vistos em publicação recente de Antonio Candido, denominada **Noções de análise histórico-literária,** que põe em circulação seu curso inaugural na FAFIA, em 1959, sobre crítica textual. Na aba do pequeno volume, Telê Ancona Lopes caracteriza a obra e consegue reconstituir a ambiência educacional em torno do texto original:

O estudo da crítica textual na sala de aula de um primeiro ano de Letras representa mais uma vertente pioneira de Antonio Candido na universidade em nosso país. Esta sua obra didática [...], destinada ao curso de "Introdução aos estudos literários" da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, em 1959, não despertou apenas os estudantes para o valor dos manuscritos, das edições de vida, assim como das edições críticas, na cadeia da criação e da difusão das obras literárias. Detendo-se com rigor nas principais questões da crítica textual, vinculada a teoria ao estudo de casos, as aulas, além da cuidadosa apostila mimeografada, contavam com projeção de imagens e trabalhos práticos para sessões de estudo.[13]

Testemunho do próprio Antonio Candido sobre seu trabalho docente e sobre o que ele chama de papel de "artesão" a fazer "exercícios de leitura" na disciplina de Literatura Brasileira em Assis pode ser lido no prefácio que antepôs ao livro **Na sala de aula**, de 1985, onde relembra a gênese e, a seguir, a duração da convivência com poemas, cujas análises publica:

As versões iniciais destas e de muitas outras análises foram redigidas há bastante tempo. Na maioria, entre 1958 e 1960, quando eu ensinava literatura brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis, SP. À medida que as utilizava nas aulas [...] elas iam sendo acrescidas e

modificadas; o seu estado atual é, portanto, uma etapa, fixada pela publicação, depois de revisões mais ou menos extensas.[14]

É nessa obra que está o preceito fundamental, seguido por todos os que se lançam à aventura do estudo do texto literário e desejam obter algum êxito, bastante conhecido também por aqueles que tenham escolhido no câmpus de Assis a vertente da disciplina de Literatura Brasileira que tem a obra de Antonio Candido como orientação metodológica, e por eles posto em prática quando solicitados pelas atividades na sala de aula. Esse preceito estatui: *Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha* explication du texte *dos franceses.*

Além disso, muito mais há ainda como desdobramento dessa preocupação inicial, entre 1959-1960, com o ensino da leitura, de que é exemplo um notável roteiro de orientação sobre "uma análise objetiva e metódica" do poema, que foi deixado inscrito na parte introdutória da composição chamada "Exercício de Leitura", publicação de 1975, no n. 1 da revista **Texto** de Araraquara —, onde ensina como decompor e recompor as peças do poema "Rondó dos cavalinhos", de Manuel Bandeira:

E já que estamos resignados ao óbvio, comecemos lembrando alguns lugares comuns para o analista:

1. O objetivo da análise não é o poeta nem o leitor, mas o poema.

2. Isto significa que, pelo menos a princípio, o poema deve ser tratado como um "objeto" independente, observado a partir de características que são próprias dele, não do poeta nem do leitor.

3. Logo, não começar definindo o "tema", pois isto equivaleria a fornecer o significado central antes da análise, isto é, importaria em dispensá-la ou deformá-la por uma conclusão precoce. A análise poética demonstra, frequentemente, que o "tema" quase nunca é o "assunto" ostensivo, ou a conclusão expressa; mas algo escondido, que é preciso descobrir.

4. Uma análise objetiva e metódica deve começar pelos elementos por assim dizer "palpáveis" do poema, isto é, os que só existem nele, não no espírito do autor ou do leitor. Depois irá para a determinação dos múltiplos "sentidos" que brotam da sua dinâmica, e acabará nos "significados", projeções do sistema de sentidos parciais.

5. Sempre que couber, a primeira operação deve ser o estudo dos elementos relativos ao gênero onde o poema se enquadra, pois eles são normas anteriores que se tornam um ponto de partida impessoal.

6. A seguir, é preciso esclarecer o sentido de cada palavra e cada verso.

7. Em terceiro lugar, focalizar os elementos "materiais", os mais "palpáveis" de todos: metro, ritmo, rima, estrofação, pontuação e, sobretudo, a relação entre eles.

8. Nessas etapas, é preciso fazer um esforço para passar da descrição atomizada de cada elemento para a correlação entre eles, pois é esta que revela a fórmula própria do poema[15].

Embora restrito ao poema, esse roteiro pode ser considerado, na sua generalidade, como um guia adequado para a análise de qualquer tipo de texto, sendo conveniente ressaltar a importância conferida à operação de relacionamento entre os elementos desse mesmo texto, que se encontra em oposição radical ao procedimento da "descrição

atomizada", um dos maiores obstáculos a serem vencidos pelo principiante em estudo de texto. A se fiar num divulgador, essa operação é própria do pensamento de Hegel:

O seu feito mais significativo foi o de explicar o sentido de relação. Hegel mostrou que tudo no universo é relacionado, interdependente; mostrou que não podemos estudar inteligentemente coisa nenhuma a não ser referindo-a a alguma outra coisa. Por exemplo, não podemos falar no assoalho sem pressupor paredes; não podemos falar no peixe sem implicar na água; não podemos falar no céu sem subentender a Terra. A semelhança nada significa, à parte da diferença. O universo é um conjunto sistemático de qualidades correlatas (positivas e negativas). Toda coisa real envolve uma coexistência de elementos contrários. Por conseguinte, saber ou compreender uma coisa, equivale a ter percepção dela como um grupo unificado de partes contrárias. A verdade sobre uma coisa ou ideia qualquer envolve contrastes e oposições.[16]

A tarefa de renovação metodológica no tratamento do texto literário, promovida por Antonio Candido a partir de sua permanência em Assis, não se dá somente no âmbito do ensino, fundamental no processo de interiorização da cultura literária. Membro da Comissão Editorial da **Revista de Letras**, lançada em 1960, publica no volume 2, de 1961, quando já deixara a Comissão, o seu ensaio *Estrutura e função do* **Caramuru**[17]**,** renomeado *Estrutura literária e função histórica*, na primeira edição de **Literatura e sociedade** (1965).[18] Faz , em julho de 1961, uma intervenção nos debates do II Congresso de Crítica e História Literária, realizado na FFCL de Assis, constituída por uma pequena exposição, que resulta depois no ensaio *Crítica e sociologia*[19], abertura do mesmo livro **Literatura e sociedade**. Na terceira edição da obra, republicada em 1973, escreve no prefácio, datado de novembro de 1972, sobre a ligação entre esses dois ensaios, vinculados ao período assisense de sua vida, e um terceiro, *Estímulos da criação literária,* de 1965:

Nestes [três ensaios] está formulado, em planos cada vez mais particularizados, o problema fundamental para a análise literária de grande número de obras, sobretudo de teatro e ficção: averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela (sic) poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce.[20]

Aqui está presente, de modo claro, a sua concepção materialista da obra de arte literária nos dois aspectos que caracterizam sua configuração: um, voltado para a realidade interna da obra, o texto, e o outro, para a realidade externa, o contexto. Deixa ainda de pairar, já aqui, dúvida de que para ele a natureza da literatura é função de sua realidade estética, o que insere sua reflexão teórica na moderna e então atual discussão sobre a literariedade da obra de arte literária e sobre a função poética ("Linguística e poética", de Jakobson, é de 1960), questões que dominavam os mais avançados estudos teóricos sobre "o ser e o tempo" da literatura em âmbito internacional. De maneira embrionária, expressa já aquela formulação, que fará mais tarde de forma categórica em O direito à literatura: "A eficácia humana [da obra de arte literária] é função de sua eficácia estética e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes"[21].

Assim, Antonio Candido, quando de sua participação do processo de interiorização da cultura em São Paulo, procede a produções teóricas e práticas sobre a natureza, função e

análise da obra de arte literária e de seu ensino, que são renovadoras tanto no espaço da sala de aula, quanto no nível da reflexão acerca do fenômeno literário. Deixa, ao mesmo tempo, marcas e comprovações de que essa inovadora sintonia com o espírito do tempo nos estudos críticos é contemporânea de sua experiência universitária assisense. Com isso desfaz o equívoco, vivo no final dos anos 50 e começo dos anos 60 — vigente até nossos dias ainda em certos espíritos, em algumas unidades universitárias, na área das Humanidades — sobre a impossibilidade de se executar na realidade interiorana a renovação dos estudos teóricos e práticos no campo das Humanidades com dimensão internacional e vínculo local, modo pelo qual tentam respaldar certos procedimentos injustificáveis perante os compromissos assumidos junto aos câmpus a que se acham vinculados.

Ao lado dessa realização qualitativa de Antonio Cândido, a mais relevante talvez executada nas Letras em Assis, é necessário que se mencione a ambiência intelectual que a envolveu, constituída por uma plêiade de professores em tempo integral — todos residindo em Assis — que também produziram, tanto no ensino como na pesquisa, trabalhos marcantes, de que são testemunhos as turmas formadas e os alunos selecionados como continuadores intelectuais, estimulados e orientados para a carreira acadêmica, e de que são documentos significativos os artigos e ensaios, deixados na **Revista de Letras**, destinada à divulgação de seus trabalhos, e o número expressivo de livros publicados, como parte da **Coleção de Estudos e Ensaios**[22], editada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.

Nos livros da coleção e nos artigos, ensaios e resenhas da **Revista de Letras** convivem como autores professores nacionais e estrangeiros, vindo o primeiro grupo em 1958, juntamente com Antonio Candido, e o segundo entre 1960 e 1963, e os ex-alunos formados por eles na FAFIA, que passam, a partir já do ano de 1963, a substituir os mestres pioneiros, em geral requisitados pela USP, assumindo-lhes as funções por meio de compromissos contratuais, efetivamente cumpridos, como os de residência em Assis; dedicação em tempo integral ao exercício das atividades de ensino, pesquisa e extensão; publicação; ascensão na carreira acadêmica e assunção de encargos acadêmico-administrativos. Embora quantitativamente numeroso, o conjunto de artigos e de livros dos professores de Letras de Assis não foi até o momento objeto de investigação, quer fora de Assis, quer das instâncias de pesquisa do próprio curso de Letras da unidade universitária, sendo conveniente ressaltar que essa produção crítica, ao lado da possibilidade de poder ser tema de estudo particular, enfocando-se cada autor individualmente com toda sua produção bibliográfica a ser levantada, poderia também ser examinada no quadro das incumbências que foram atribuídas ao grupo e na moldura das concepções de estudo da obra de arte literária, vigentes então no nível internacional, na área das Letras. Não poderá também estar ausente, sobretudo no estudo da **Coleção de Estudos e Ensaios,** a abordagem dos seus textos da perspectiva da sua difusão no mercado, uma vez que, publicados segundo velhos procedimentos das tradicionais edições universitárias brasileiras — edições subvencionadas a fundo perdido, sem esquema de seleção acadêmica e sem rede de distribuição e divulgação competitiva no mercado livreiro — constituíram-se em autênticos encalhes, restringindo muito o seu efeito social e contrariando os altos objetivos programáticos almejados. Aliás, a falta de atenção para a cadeia de circulação do livro universitário enquanto mercadoria foi um dos elementos limitadores do projeto dos Institutos Isolados de Ensino Superior em São Paulo, só enfrentado, na UNESP, a partir da segunda metade da década de 1980, com a criação da Editora UNESP e sua conversão posterior, nos anos 90, em fundação.

Toda essa produção intelectual está a reivindicar ainda, além dos estudos já indicados, a que se proceda também à pesquisa da vida e criação dos seguintes artistas: Italo Bianchi, que criou a capa belamente racional da **Revista de Letras** (1ª fase); Odiléa Helena Setti Toscano e Lila Galvão de Figueiredo, capistas, a primeira, dos três primeiros volumes da **Coleção de Estudos e Ensaios** e a segunda, de quase todos os outros, e, finalmente, Fernando Lemos, autor do cartaz do II Congresso de Crítica e História Literária de Assis, de 1961, tornado capa do livro de 1963.[23] Sem esquecer, é claro, a necessidade de investigar a autoria do desenho da expressiva "folha vegetal estilizada", que foi, durante mais de vinte anos, símbolo da FAFIA e que deixou, de maneira inexplicável, de exercer essa função justamente agora que a Faculdade de Ciências e Letras poderia agregar, harmonicamente nela, as duas vertentes de cursos que a constituem: os de Humanas e os de Biológicas.

Assim, uma das possibilidades que o curso de Letras[24] tem para propor certos caminhos consistentes em direção ao futuro residiria no conhecimento/re-conhecimento de seu passado, principalmente de como realizou outrora, em Assis, em nível universitário, a dialética entre interiorização e internacionalização da cultura, executada pelos professores pioneiros e oferecida pelo professor Antonio Candido na forma possivelmente de sua melhor execução, seja como prática formativa e analítica em sala de aula, seja como processo de reflexão teórica sobre a natureza e função da obra de arte literária. Com isto, o curso de Letras — integrado em seus dois universos, Linguística e Literatura — poderia ancorar talvez num audacioso e maduro equilíbrio instável entre passado e futuro, cumprindo dupla tarefa: a de encontrar possível resposta para a indagação feita via Cecília Meireles — "Em que espelho/ ficou perdida a minha face?" —, e a de aceitar o convite para a conjunta ultrapassagem de que fala Murilo Mendes:

> Vamos colher as flores grandes que crescem nos abismos
> e apreciar as explosões de luz de dois universos.
> Apressando o passo estaremos do outro lado do século
> ouvindo o barulho da banda de música que não pára nunca.

Notas

* Este artigo reproduz com ampliações, retoques e certa redundância intencional o texto da intervenção oral na Mesa-redonda, de que tive a honra de participar em 14 de agosto de 2008 por ocasião de um dos eventos relativos aos 50 anos do Câmpus de Assis. O que há de novo, do ponto de vista técnico, são as citações no corpo do texto e as notas de rodapé, dirigidas aos estudiosos que possam vir a se interessar pela pesquisa da história do curso de Letras, em especial pelo estudo de suas publicações, de sua produção intelectual e de seus contextos na antiga FAFIA e na atual FCL. Com a organização aqui dada à matéria, procurei alcançar dois públicos diferentes: o leitor não especializado e o leitor profissional, voltado para a investigação acadêmica.

** Professor de Literatura Brasileira (1967-2007), aposentado, do Departamento de Literatura Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Câmpus de Assis e diretor da instituição de 1991 a 1995.

[1] BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1977, p.139-192. As reflexões sobre as relações entre poesia, tempo e práxis foram motivadas por esse ensaio.
[2] BANDEIRA, Manuel. Consoada. In: _____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 307.
[3] MEIRELES, Cecília. **Obra poética.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958, p. 84.
[4] MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.118.
[5] **Revista de Letras**. Assis, SP: 1: 1,1960. A primeira fase da revista encerrou-se em 1977 com a publicação do volume de número 19, saindo, no geral, um por ano, com exceção do número 13, que conjunta os anos de 1970/1, do ano de 1965, que dá à publicidade dois números – 6 e 7 – e do ano de 1966, que funde dois outros – 8 e 9 – num volume só. Na UNESP, o título foi preservado, a partir de 1980, para designar a revista que publica artigos e ensaios da área de estudos literários. O espírito que presidiu à criação da revista está presente também naquele que deu origem à **Coleção de Estudos e Ensaios**, conforme se pode ler no mesmo texto, constante da orelha dos sete volumes publicados entre 1960 e 1962, texto aqui transcrito: "É hoje convicção, das instituições universitárias mais responsáveis do País, que uma escola superior, se deve atender à crescente demanda de profissionais de nível universitário, não encontra, evidentemente, aí, seu principal e mais responsável objetivo. Este, (sic) se põe bem mais distante e alto, e consiste na contribuição que devem dar, essas instituições, (sic) para o progresso do conhecimento. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis desde os primórdios vem orientando todos os seus esforços, e convergindo todos os recursos de que dispõe, dentro do PLANO DE AÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO, no sentido de alcançar esses altos objetivos das instituições universitárias de vanguarda. Suas publicações como **Revista de Letras**, *lançada há um ano (sic)*, com pleno êxito no país e no estrangeiro e a presente coleção **ESTUDOS E ENSAIOS** dão conta do labor intelectual de seus professores e a medida de suas possibilidades para fazer de uma faculdade, mais que uma escola de diplomação de profissionais, um centro de investigação e produção intelectual". Observação: a revista e a coleção nascem no mesmo ano: 1960.
[6] **Alfa**. Marília, SP, 1: 1, 1962. A história da revista é similar à da **Revista de Letras**: termina sua primeira fase em 1977 logo após a criação da UNESP, mas tem seu título mantido como revista da universidade, que veicula matérias referentes a estudos lingüísticos. As fases já encerradas das revistas não foram ainda estudadas e, obviamente, não foram elas confrontadas.
[7] MARTINS, José de Souza. Ignorância, sabedoria e nhenhenhém. **O Estado de S. Paulo**, 2.12.2007.
[8] CANDIDO, Antonio. Professor, escola e associações docentes. **Almanaque**. São Paulo, 11: 83-7, 1980.
[9] SÁFADY, Naief. **Introdução à análise de texto**. Rio e Janeiro: Francisco Alves, 1961.
[10] FERES, Nites. **Antero de Quental**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1961, 24 p.
[11] TUCUNDUVA JÚNIOR, Horácio. **Camões**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963, 24 p.
[12] DIMAS, Antonio, p. 6.
[13] CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Humanitas, 2005.
[14] Idem. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985, p. 6.
[15] Idem. Exercício de leitura. **Texto**. Araraquara, 1: 09-21, 1975.
[16] TRATTNER, Ernest R. **Arquitetos de ideias**. 3. ed.. Trad.: Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1967, p. 220.
[17] CANDIDO, Antonio. *Estrutura e função no* **Caramuru. Revista de Letras**. Assis, SP, 02: 47-66,1961.
[18] Idem. *Estrutura literária e função histórica*. In: _____. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1965, p.201-229.
[19] CANDIDO, Antonio. *Crítica e sociologia* (Tentativa de esclarecimento). In: _____.**Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1965, p. 1-17. À p. 3 lê-se em nota de rodapé: "Este estudo é o desenvolvimento de uma pequena exposição feita sob a forma de intervenção nos debates do II Congresso de Crítica e História Literária, realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, em julho de 1961". Dentre as intervenções do autor no congresso, refere-se ele possivelmente a que se encontra às p.120-1, nos anais publicados. Ver **Anais do segundo congresso brasileiro de crítica e história literária**. Assis, 24-30 de julho de 1961. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963. Convém observar, a propósito, que os anais constituem inestimável fonte de informações sobre a atualização da crítica literária brasileira no início da década de 1960, podendo-se aí flagrar, nas menções claras e implícitas a autores e obras, suas referências internacionais e nacionais no período. Seria oportuna uma nova edição da obra com iconografia, índices remissivos de participantes, autores e obras mencionados e entrevistas com participantes ainda vivos por ocasião dos 50 anos, em 2013 ou do evento em 2011.

[20] Idem. Prefácio à 3. ª edição. In: _____. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 3. ª ed. rev. São Paulo: Nacional, 1973, s.p.

[21] Idem. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 251.

[22] Lista de obras publicadas na **Coleção de Estudos e Ensaios** com as indicações do ano de publicação, título da obra, nome do autor e da capista, esta referida por meio das abreviaturas OHST para Odiléa Helena Setti Toscano e LGF para Lila Galvão Figueiredo. Quase todas com a "folha vegetal estilizada" na quarta capa, as obras são as seguintes: ***1960*** - **O progressismo de Sêneca**. José van den Besselaar. Capista: não indicada, possivelmente OHST; **Folhas caídas***:* a crítica e a poesia. Naief Sáfady. Capista: OHST; **Problemas da formação humana**. W.S. Jonas Speyer, Capista: OHST. ***1961*** -. **O trágico na obra de Georg Büchner**. Erwin Theodor Rosenthal. Capista: LGF; **O sentido humano do lirismo de João de Deus**. Naief Sáfady. Capista: LGF; **Límites de la estilística:** el idearium crítico de Dámaso Alonso. Julio Garcia Morejón. Capista: LGF. ***1962*** - **Graciliano Ramos, autor e ator**. Rolando Morel Pintor. Capista: LGF. ***1963*** - **Freud, esse desconhecido.** Obras de ficção e poetas vistos por Sigmund Freud. As idéias pedagógicas implícitas na obra de Sigmund Freud. W.S. Jonas Speyer. Capista: LGF. ***1966*** **– Unamuno y El cancioneiro**: la salvación por la palabra. Julio Garcia Morejón. Capista: LGF; **Cyrano auteur tragique***:* l'expression de la vérité humaine dans "La mort d'Agrippine". Capista: LGF; **O acordo impossível**: ensaio sobre a forma interna e sobre a forma externa na obra de Cesare Pavese. Antonio Lázaro de Almeida Prado. Capista.: não indicado. **O romance português contemporâneo: 1930-1964**. Fernando Mendonça. Capista: LGF. **A síntese orgânica do "Itinerarium Aetheriae"**. Enio Aloísio Fonda. Capista: não indicado. **O universo estético-sensorial de Graça Aranha**. José Carlos Garbuglio. Capa de LGF. **Índice remissivo da Revista de Língua Portuguesa.** Pedro Caruso. Capista: não indicado. ***1967*** **- Dos coleccionadores de angustias**. Unamuno y Fidelino de Figueiredo. Julio Garcia Morejón, Capista: LGF; **Apresentação da poesia barroca portuguesa.** Segismundo. Spina e Maria Aparecida Santilli,. Capista: LGF; **A tradução e os falsos cognatos**. Mario Mascherpe e Laura Zamarin. Capista: LGF; *Três ensaios de literatura*. Fernando Mendonça. Capista: LGF; ***1970*** **- O itinerário poético de Salvatore Quasimodo**. Antonio Lázaro de Almeida Prado. Capista: LGF; **Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português**. Classificação dos erros prováveis com sugestões para uma aplicação pedagógica.. Mario Mascherpe. Capista: não indicado. **A convivência com os textos**: unidades do ensino de Literatura em nível médio. Lívia Ferreira Santos. Capista: não indicado. ***1971*** **– Para o estudo do teatro em Portugal**. Fernando Mendonça. Capista: não indicado. **Fontes do Caramuru de Santa Rita Durão**. Carlos de Assis Pereira. Capista: LGF. [Obras de História: **Os judeus no Egito helenístico**. Jaime Pinsky. Capista: Luís Fingermann; **Correio marítimo hispano-americano**. Manoel Lelo Bellotto. Capista: Celso Pinheiro.]. ***1972*** **- La comparaison et la métaphore dans Germinal d'Émile Zola**. Álvaro Lorencini. Capista: Maria Thereza Garcia Lopes Lorencini. ***1973*** **- A literatura portuguesa no século XX.** Fernando Mendonça, Capa de Luiz Díaz. Embora não pertençam à **Coleção de Estudos e Ensaios** por esta extinguir-se, assim como a primeira fase da **Revista de Letras**, com a criação da UNESP em 1976, sete obras de professores das Letras – de um total de oito - publicadas no ano de ***1978,*** mercê da parceria entre o Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis e a editora HUCITEC, parecem ter saído ainda segundo o mesmo princípio que norteou a coleção, o que justifica sua inclusão aqui. Chamo atenção para, talvez, o último aparecimento da "folha vegetal estilizada" como símbolo do novo instituto, vindo da velha faculdade assisense, estampada na primeira capa dos livros, cuja diagramação padronizada tenta evocar o racionalismo belo e despojado da concreta capa original da **Revista de Letras**. As obras são as seguintes: **Introdução ao estudo das perífrases verbais.** João de Almeida; **Fernando Namora: um cronista no território da ficção.** Elêusis Míriam Camocardi; **O romance de Virgílio Ferreira: existencialismo e ficção.** Aniceta de Mendonça; **O texto narrativo na perspectiva semiológica.** Letízia Zini; **Processos retóricos na obra de João Cabral de Melo Neto**. Maria Lúcia Pinheiro Sampaio; **Santa Joana segundo Seghers e Brecht**. Wilma Rodrigues e **O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto.** Carlos Erivany Fantinati.

[23] Dos quatro artistas mencionados Fernando Lemos e Italo Bianchi são bastante conhecidos e estudados, havendo já na Internet informações e bibliografia em quantidade razoável sobre suas vidas e obras. Não é o que sucede com as duas capistas, que estão a demandar empenho investigativo para que se possa tratar de suas trajetórias existencial e artística. Os demais capistas não foram pesquisados.

[24] Para quem ainda precisa melhor ouvir e entender Letras, recomendo a leitura das seguintes passagens da **Agenda comemorativa** dos 50 anos: o poema "Canção excêntrica", de Cecília Meireles, em "Homenagem aos docentes", que consta do dia 13 de janeiro de 2008 e versa o topos do mundo às avessas, e o "Rios sem discurso" (**Educação pela pedra**), de João Cabral de Melo Neto, posto nos dias 28 e 29 de junho, na parte reservada à "Pós-Graduação em Letras (1979-2008/29 anos)".